

INCULTURAÇÃO

(para religiosos junioristas, Suzana 21-23/01/2004)

1º Umas ideias iniciais

A primeira coisa com que se depara ao chegar à Guiné é que o encontro com uma pessoa é encontro com uma cultura diferente: língua, forma de pensar e de se exprimir.

Exemplo: não foste tu a quebrar o copo? Resposta SIM (não fui eu).....

Outro exemplo: os gestos, como o de indicar a estatura de pessoa ou animal.

1.1 - O discurso sobre a cultura não é um discurso académico, teórico, mas eminentemente prático e "indispensável": temos que nos tornarmos "interlocutores" para podermos "dialogar"; e isto quer por parte do missionário vindo de fora que entra em contacto com as pessoas a que foi enviado, quer por parte das mesmas pessoas "destinatárias" da mensagem evangélica que entram em contacto com uma mensagem que, historicamente, aparece já revestida duma experiência histórica e então duma cultura (e se enriqueceu. RM 53). A mensagem evangélica "quimicamente pura" não existe, nunca existiu.

- É inegável que uma acção evangelizadora, para ser eficaz, deve ser "inculturada" (a seguir veremos o significado desta palavra); se não for, fica em perigo de fracassar, como árvore sem raízes (ex. o Baobab/Cabaceira).

EA 78: Uma fé que não se torna cultura é uma fé não plenamente acolhida, nem inteiramente pensada, nem fielmente vivida... a Assembleia Especial para a África do Sínodo dos Bispos considerou a inculturação uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares em África; só assim pode o Evangelho lançar sólidas raízes nas comunidades cristãs do Continente."

A história é mestra: A Igreja esteve florescente na África do Norte nos primeiros séculos e deu mártires e grandes teólogos e Santos: os mártires de Cartago (Perpétua e Felicidade), Tertuliano, S. Cipriano, S. Agostinho e até três papas (Vitor I, Melquíades e Gelásio I); mas primeiro com os Vândalos e depois com os muçulmanos deixou de existir.

A Igreja do Egipto, Núbia (Sudão) e Etiópia deu mártires (era martyrum, a partir do ano 283, a perseguição de Diocleziano), monges (Antão, Pacómio), grandes catequistas na escola de Alexandria, teólogos (Atanásio, Cirilo), santos e nunca deixou de existir, nem debaixo da tempestade.

Quais as razões? Além das sociais e políticas, apontam-se as seguintes (Lineamenta Sínodo Africano pp. 8-11; Stéphanos II Ghattas Patriarca Alex. Dos Coptos. Oss. Rom. 1º, p.89; J. Baur "Storia del cristianesimo in Africa, EMI, p.35))

A Igreja do Maghreb:

- divisões e heresias
- mas sobretudo: não afundou raízes na cultura púnica e bérbere: era uma igreja latina, latina ficou e latina acabou

A Igreja do Egipto, Núbia, Etiópia

- também tiveram divisões e heresias (monofisismo, nestorianismo)
- mas tiveram os textos sacros, a liturgia, a catequese e a expressão da fé em suas línguas e culturas (Durante a perseguição de Décio, em 250 os livros litúrgicos coptos foram queimados: o que nos diz que já se tinha desenvolvido uma liturgia local!)

Por outro lado já a nível do NT temos pistas para aproximar a mensagem da cultura (= aculturação), para que a fé por sua vez venha a ser inculturada

- Act. 14, 15-18 (Listra e a religião da natureza)

- Act. 17,22-34 (Atenas: Paulo cita o poeta Arato de Soli, cidade a menos de 40 km de Tarso) NB. Em ambos os casos o resultado não é garantido, há sempre o imponderável da resposta pessoal...)
- Outro exemplo: os Evangelhos: porquê 4? Já há tentativas de "aculturação", de entrar em diálogo com situações diferentes.... (cf. DV.19)

1.2. Para falarmos em inculturação deveríamos falar primeiro em Cultura. Do que é que se trata?

O Vat.II dá uma descrição.

" A palavra cultura, no sentido lato, designa tudo aquilo com que o homem

- apura e desenvolve os inúmeros dotes do corpo e do espírito com que procura submeter o universo pelo conhecimento e pelo trabalho;
- torna mais humana a vida social, tanto na família, como em toda a comunidade civil, mediante o progresso dos costumes e instituições;
- e, finalmente, formula, comunica e conserva, nas suas obras, no decurso dos tempos, as grandes experiências espirituais e as aspirações maiores do homem, para que sirvam ao progresso dum grande número e, até, de todo o género humano. (GS 53)

Daqui se segue que a cultura humana inclui necessariamente um aspecto histórico e social, e que a palavra "cultura" assume frequentemente um sentido sociológico e etnológico. Neste sentido se fala de pluralidade de culturas.

É que estilos de vida diversos e escalas de valores diferentes encontram a sua fonte na maneira particular de usar as coisas, de trabalhar, de se exprimir, de praticar a religião, de se comportar, de estabelecer leis e instituições jurídicas, de fazer progredir as ciências e as artes e de cultivar a beleza.

Assim, a partir dos costumes recebidos, se forma o património próprio de cada grupo humano. É também deste modo que se constitui um determinado meio histórico, no qual todo o homem, de qualquer nação ou idade, se insere e do qual tira os valores que lhe permitem promover a civilização"(GS.n.53)

O Evangelho deve entrar nestas culturas dos homens, ou melhor, atingir pessoas concretas que vivem em seu contexto histórico e cultural.

Para que a novidade de vida aconteça e se possa exprimir, deve haver uma mutação, do velho para o novo; concretamente devem mudar determinados parâmetros de comportamento, como nos diz a *Evangelii Nuntiandi*.

"...para a Igreja não se trata só de pregar o evangelho em faixas geográficas cada vez mais vastas ou a populações cada vez mais extensas, mas também de alcançar e quase como que **subverter** através da força do evangelho os critérios de juízo, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que estão em contraste com a Palavra de Deus e com o seu desígnio de salvação" (EN.19; cf. EA 59.78; EN 20)

1.3. Em palavras um bocado mais simples, o que é cultura e como se pode agir para que uma cultura se transforme, amadureça, se abra a um futuro e a uma vida melhor?

Retomo aqui uma reflexão que estou conduzindo, desde anos com as comunidades da minha missão, em meio ambiente rural.

a. Podemos assumir a ideia de cultura como:

conjunto das respostas às perguntas postas pela própria existência, com seus problemas, desde os mais simples até os mais fundamentais. Respostas dadas pelos homens e por eles legadas à sua descendência.

Tais respostas dependem de

Conhecimentos (de qualquer gênero: empíricos, religiosos, míticos, filosóficos, científicos, técnicos etc...)

meios a disposição para resolver dificuldades (também de qualquer gênero...)

VALORES assumidos como critérios de escolha, à luz dos quais as escolhas são feitas

NB. É intuitivo que tais respostas variam com o variar, principalmente dos conhecimentos e dos meios ao dispor, nem que os valores subjacentes permaneçam fixos; a variação vem a ser ainda mais pronunciada quando mudam os próprios valores!....

Exemplos: leprosos, gêmeos, "cambanças" e pontes, etc..

Leprosos. A lepra, com seu aspecto devastador e sua facilidade de contágio, sempre foi vista como um grande perigo para a comunidade, perigo a que não se encontrava remédio se não afastando, expulsando ou até eliminando o doente para eliminar a doença (ou eliminar o "maldito" para eliminar a "maldição"). Entre os Felupes: coloca-se o doente numa espécie de recinto, no espírito do "*sambun asu*" (= o fogo) e deixa-se morrer de inédua. Quando morrer não se faz choro, nem se diz que morreu (*nakete*) mas sim que "perdeu-se" (*najime*), no sentido de morte "ritual", "sagrada" (ou "maldita").

Agora já não se faz isso. O que é que mudou?

conhecimentos: sabemos que é doença e se pode curar

meios: podemos alcançar Cumura, onde há um hospital para isso e os doentes são curados.

Não mudou o VALOR: a vida da comunidade deve ser defendida, agora como antigamente. O Felupe continua sendo Felupe, apesar de "inutilizar" o espírito do "*sambun asu*".

Gêmeos. Antigamente um deles era suprimido: a mãe não tinha meios para amamentar os dois e havia perigo que os dois morressem: pelo menos um deverá poder viver. Não era matar para matar, mas a serviço da vida, valor supremo.

Agora já não se suprime nenhum. O que é que mudou?

Os meios: já está a nosso alcance a alimentação artificial, na missão se encontra, e também no hospital ou nas farmácias. E é ver a alegria e o orgulho com que as mães mostram os gêmeos a crescerem saudáveis: o valor não mudou, só é alcançado doutra forma e com mais resultado. O Felupe continua sendo Felupe, apesar de não suprimir mais os gêmeos.

Cambanças. A seis quilómetros da missão de Suzana, em direcção ao Sul, há, agora, um rio, que divide Suzana das tabancas de Ejin, Jihunk, Eossor, Ehlalab, Bohlol. O rio é largo, mínimo 70 metros, com uma rápida. Também ha crocodilos. Antigamente a passagem era assegurada por uma canoa. Os que queriam vir a Suzana por razões económicas, comerciais, de abastecimento, para

escola ou até para tratar crianças em perigo, eram submetidos a inúmeros transtornos. Esperas intermináveis, a canoa se perdeu infinitas vezes, muitas vezes foi necessário dar uma volta de 15 quilómetros ou regressar a casa sem ter podido alcançar Suzana, com a consequência que muitas crianças morreram, e poderiam ser salvas... Também havia, na margem do rio, do lado de Suzana, um pequeno lugar de culto ao espírito para que defendesse dos assaltos do crocodilo. Quem queria passar deixava um punhado de arroz, ou vinho de palma ou algo mais para alcançar protecção.

Nem sempre foi assim. Há memória de que em tempos passados o actual rio não passava de um riacho e a gente passava a pé. Isto é das primeiras décadas do século vinte, quando a tabanca de Ehas, que estava entre Ejaten e Kassolol, migrou para a actual sede, em Ehlalab. Com o passar do tempo a água da maré e a das chuvas levaram terra e o rio se aprofundou e veio a ficar mais largo; nele se instalaram hipopótamos e crocodilos. Diante da nova situação de dificuldade que se instalou, os felupes recorreram aos meios que conheciam e estavam a seu alcance: a canoa para passar e a cerimónia ao "iran" ou "espírito" para achar protecção contra o perigo.

Agora isso já não se dá. O que aconteceu? Alguém proibiu os ritos propiciatórios a tal espírito? Não, simplesmente a população, animada pela comunidade cristã, organizada pela cáritas paroquial e com o apoio da própria Missão, construiu uma ponte para passagem de peões, bicicletas e motas. Já não se fala mais em canoas, em marés, em ritos ao espírito da cambança... só porque a "resposta" à necessidade de passar o rio mudou de forma: já se passa sem perigo e a qualquer hora.

Mudaram os meios, quer físicos (a ponte), quer em relação a certos "valores" (as cerimónias ao espírito protector). Apareceu como mais positivo o espírito de iniciativa e de solidariedade, que permitiu a construção duma ponte graças aos meios ao alcance e ao trabalho em conjunto. Mas o Felupe continua sendo Felupe.

1.4- No encontro de duas culturas e do Evangelho com uma cultura, interessa-nos, por clareza, distinguir dois aspectos, que podem ser até dois momentos do mesmo processo: o da "aculturação" e o da "inculturação". Do que é que se trata?

Vamos proceder por pequenos passos.

Aculturação: aproximação de uma cultura a outra

- de pessoa pertencente a uma cultura a outra pertencente a outra cultura; do missionário a seus interlocutores e então à sua cultura, aprendendo língua, usos, etc.
- também: da mensagem do Evangelho, que nos chegou revestida de uma cultura, a pessoas que pertencem a outra cultura, através de traduções e de outros caminhos que o anúncio do Evangelho pode tomar.
- Inculturação: reproduzir na própria cultura e através da própria cultura, algo que, originariamente, a ela não pertencia. Por exemplo quando uma comunidade, recebida a mensagem do Evangelho, consegue interiorizar o que recebeu, começa a traduzir aquilo na sua vida, em escolhas concretas que mudam sua maneira de viver, até o re-expressa em fórmulas teológicas e em formas artísticas próprias, etc.

Podemos fazer o exemplo de umas culturas que historicamente foram assumidas aqui em chão felupe, como mandioca, bananas, mangos, cajú, o próprio arroz... que entraram a fazer parte da vida, mudaram uns costumes e se tornaram quase culturas originais..... Enriqueceu-se a cultura, a cultivacão, os hábitos alimentares, e o próprio produto adquiriu novos sabores e força...

Sinteticamente, sempre continuando com o exemplo dos produtos:

- è aculturacão quando "importo", faço chegar para perto de mim, ao meu alcance mangos, mandioca, bananas e começo a acostumar-me a comer tais frutos.
- è inculturacão quando passo eu próprio a cultivá-los e faço entrar estas cultivacões no meu contexto de vida. E estes frutos adquirem novo sabor, consoante o terreno, o ar, a água, o meio ambiente novo em que passam a ser cultivados.

Em contexto de Igreja è desde 1659 que a Congregacão de Propaganda Fide fez obrigacão aos missionários de se "aculturarem", apesar de não ter usado mesmo esta palavra; nas nossas Linhas de Pastoral de 1988 è recomendada em mais e mais pontos desde o princípio. No projecto Diocesano de pastoral, curiosamente ficou esquecida: só se fala em Inculturacão.

Mas a "aculturacão" è fundamental para um missionário: trata-se de se tornar "interlocutor" daqueles a que foi enviado. E não è uma exigência só para os missionários, mas sim para qualquer agente da pastoral que se encontre a actuar num meio ambiente que seja nem que só em parte diferente daquele em que ele próprio viveu. (L'Abbé Nazaire Jatta, Jòla de Jamberen, que entre os Jòla de Yutou achou que precisava de estudar a cultura e de se aculturar...)

Uma observacão que nos pode ajudar até na nossa vida espiritual:

"A escuta è o movimento fundamental da oracão cristã, que torna o missionário apto a também escutar os homens, aos quais acolhe e testemunha o evangelho: uma escuta que se inicia através do estudo de seus idiomas e que continua como escuta de suas culturas e de suas expressões religiosas, das modalidades peculiares - com as quais moldaram sua humanidade - além dos problemas e dramas históricos e cotidianos por eles vividos" (Luciano Manicardi, Mundo e Missão Out.2004, p.25).

Podia falar também na minha primeira experiência de "aculturacão". Quando cheguei em Portugal tentei "orientar-me" no meio dum mundo que, para mim era novo. Não me apliquei só a aprender a língua, mas sim procurei compreender onde me encontrava, para compreender também não só o que as pessoas me diziam, mas também compreender a elas próprias. Além de ler os jornais todos os dias, tomei um bocado de recuo: estudei história e literatura. Lembro-me da visita que fiz, nas primeiras semanas, ao museu do Carmo. Eu lia as inscrições latinas, mas não compreendia ao que è que se referiam. Havia um rapazinho que também parava diante das inscrições, mas parecia-me em dificuldade. Aproximei-me dele e disse-lhe: "Olha, amigo, se quiseres eu posso traduzir o que as inscrições dizem, mas tu me explicas ao que è que se referem": Foi assim que ele teve acesso àqueles textos, que faziam parte da minha cultura e estavam ao meu alcance, e eu recebi uma data de informacões históricas que me abriram o caminho que procurava e me deram até mais vontade para mais estudos a seguir.

Sempre a mesma Instrução de Propaganda Fide acima mencionada também falou na exigência de "inculturação" da mensagem evangélica, sempre sem usar tal palavra, quando diz que os que recebem o Evangelho não podem ser obrigados a expressarem sua fé nos mesmos moldes a que estava acostumado o missionário.

É bem escutarmos uma expressões desta "Instrução". "Não façam nenhuma tentativa nem procurem de modo nenhum convencer estes povos a mudar seus usos, sua maneira de viver, seus costumes e tradições se não forem abertamente contrários à religião e à moral. Não há nada de mais absurdo que transportar costumes e usos da França, da Espanha ou da Itália ou de outras partes da Europa para a China. Não se deve levar nada disso tudo, mas sim deve-se levar a Fé, uma Fé que não rejeita nem ofende a maneira de viver ou os costumes dum povo, a não ser que sejam perversos e depravados".

Claro que não podia continuar depois do Baptismo o costume do choro do rei dos Papéis de Bissau, de matar quarenta ou cinquenta escravos que deviam ser sepultados com o rei. De facto o Bocampolo Có, que se baptizou, queria acabar com aquilo: na sua morte, em 1696, só mataram (contra sua vontade) "...oito ou nove rapazes e raparigas, costumando quarenta e cinquenta..." (Avelino Teixeira da Mota, As viagens do Bispo D. Frei Vitoriano Portuense à Guiné, ALFA, pp. 145,151). 1696.

2. Inculturação no contexto da Igreja e da actuação pastoral. Seu fundamento teológico e padrão: a encarnação.

Vamos tentar agora aprofundar o discurso mais directamente no contexto da Igreja e da Missão, no nosso contexto em que somos chamados a realizar nossa vocação e missão.

Confesso que a palavra "inculturação" está a soar ainda um bocado desafinada aos meus ouvidos; prefiro a expressão do papa "encarnar o Evangelho nas culturas" ou "evangelização da cultura", como dizia Paulo VI em EN. 20. Sim porque pelo que vou ouvindo e vendo, tenho às vezes a impressão de que se queira "constrangir" o Evangelho dentro de algo apertado... como vinho novo em odres velhos, por exemplo. (cfr. Mc. 1,40-3,6, espec. 2, 21-22; Jo. 2, 1-11 espec. 9).

O termo "inculturação", juntamente com o de "aculturação" foi usado pela primeira vez na "Catechesi tradendae" de 1979, no n.53 onde se fala na "Incarnação da mensagem nas culturas".

È então recente na linguagem da Igreja quanto a palavra, mas não quanto a realidade significada. Sempre se falou em "Adaptação" (*aptatio*), que è a linguagem usada pelo Concílio Vat.II. (Ex. SC 37; GS 44; AG 22 etc; cf.EN 63)

Como já vimos é esde 1659 que a SCPF falou em adaptação do missionário e da pregação do evangelho às culturas locais, como também da forma de as comunidades locais poderem expressar sua fé, o que em linguagem moderna chamamos de "aculturação" e de "inculturação".

2.1 Quanto à ideia de inculturação referida à mensagem evangélica, assumimos a que o Papa nos propôs:

"A íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo,

e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas" (Red. Miss. 52.53.54)

Um exemplo:

normalmente semeia-se o arroz no viveiro:

a palha é arrancada e jogada fora (*valores não autênticos ou contra-valores*)

o arroz é "transplantado" para que, com a água ao pé, o sol que o aquece, o humus e o espaço vital a disposição, possa se desenvolver em cheio e chegar a maturação. (*valores autênticos assumidos e transformados*)

Mais um exemplo para a segunda parte: a enxertia, que dá frutos novos, conformes ao rebento que foi enxertado, aproveitando a força e a pujança da velha árvore, acostumada a terreno, clima, ares, ritmos das estações... (*o Evangelho, enxertado no tronco dum povo, dá frutos evangélicos novos etc...*)

Postas estas premissas, as realidades a examinar em si não são antes de mais as "tentativas" de inculturação ou os "gestos" a reproduzir por exemplo na liturgia, mas sim as realidades "culturais" que ritmam a vida e lhes dão os conteúdos: ex. A iniciação, o matrimónio, a família alargada, a doença, o enterro, etc. Quer dizer: o que os homens pensaram, antes de mais, para responderem a determinadas perguntas, para solucionar determinados problemas e alcançar determinadas finalidades; avaliando até de sucessos e insucessos, de aspectos positivos e negativos.....

A seguir deveríamos examinar o dado revelado, quer dizer: como Deus veio ao encontro do homem para responder às questões mais profundas do seu ser e do seu existir; quais as respostas que Deus ofereceu ou simplesmente acenou, em qual forma agora estão a ser oferecidas, pela Igreja, aos homens de hoje nos vários contextos culturais em que a Igreja vive...

Em terceiro lugar deveríamos ver se e como as respostas de Deus anulam ou completam, desenvolvem e até ultrapassam as que foram dadas pelos homens; se estão em contradição com elas e porquê, se em vez estão na mesma linha, nem que seja numa dimensão infinitamente superior... (cf. Mt. 5, 17-48)

Em quarto lugar: praticamente, o que é que continua, o que é que deve cessar, o que é que se deve transformar:

por ex. no que respeita ao processo de iniciação, quer debaixo do ponto de vista humano (ainda teria direito de existir desligado das respostas de Deus, ou ignorando-as por completo?), quer debaixo do ponto de vista cristão (devemos continuar com sacramentos (primeira confissão, primeira comunhão, etc.) administrados "pontualmente" em vez que inseridos num processo, num caminho, pelos vistos, num "caminho de iniciação"? Devemos continuar com "dicotomias", fazendo o que è da tradição e depois repetindo a mesma coisa na igreja, por ex. o matrimónio, etc.)?

Inculturação então o que é que quererá dizer:

oposição, com eliminação pura e simples dum dos dois processos, o tradicional ou o cristão?

justaposição, que consagraria a "dicotomia" existencial do cristão que não se resolve a empreender seriamente um caminho novo? (juntando amuletos e cruz...)

"harmonização" que tenta salvar o salvável, criando hybridismo e sincretismo?

"re-criação" duma realidade, entendida nas suas raízes profundas, nas suas motivações e finalidades, nos seus sucessos e nas suas falhanças, nos seus

mecanismos de conhecimentos, meios a disposição e valores inspiradores, para chegarmos a uma realidade autenticamente cristã e autenticamente africana (por quanto "africana" seja ainda demasiado generalizante e empobrecedor das realidades particulares, por enquanto mais vivas se tomadas singularmente...)?

Há um facto histórico que nos pode ajudar a perceber como a mensagem cristã, inserida correctamente numa cultura, pode até modificar profundamente a sociedade.

Antigamente na sociedade grego-romana havia os escravos: sem eles nem se concebia como a sociedade poderia subsistir e como se conseguiria levar para frente uma certa economia. Com a vinda do caminho cristão, os escravos, que não gozavam de direito nenhum, aos poucos foram considerados como pessoas livres (cfr. Col. 3,11 ... *já não há nem grego nem judeu, circunciso ou incircunciso, estrangeiro ou bárbaro, escravo ou livre, mas apenas Cristo, que é tudo em todos*. Veja-se também a carta a Filémon, Gal. 3,28): a sociedade mudou, os costumes mudaram e a vida continuou, apesar de não haver mais escravos.

NB. Temos que lembrar o que foi dito ao longo do Sínodo para a África: "A finalidade da inculturação não é de evitar todas as dificuldades inerentes à prática da vida cristã, mas sim de indicar uma maneira de viver o Evangelho com mais autenticidade, de forma a resultar convencedora e contagiosa" (*Hyacinthe Thiandoum, Relatio ante disceptationem, L'Oss. Rom. I pag. 17*). Doutra forma seria querer ser cristãos sem a cruz. (cf. Fil. 3,17-18; 1Cor. 1,17)

2.2 Costuma-se dizer que o exemplo mais completo de "inculturação" é a Encarnação: o Filho de Deus que se fez homem, num contexto histórico e cultural bem definido, o Povo de Israel. É, de facto, o fundamento teológico da própria inculturação, como diz o papa na EA 60, onde lembra Gal.4,4: "A o chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho. Ele nasceu de uma mulher, submetido à Lei" e podemos continuar com Paulo que diz ao versículo 5: "para resgatar aqueles que estavam submetidos à Lei, a fim de que fôssemos adoptados como filhos".

De facto não há quem não veja que Jesus não ficou preso pela sua cultura: assume a cultura hebraica, mas ao mesmo tempo a transcende e a critica, como que a faz "florescer", rebentar assim como fez "arrebentar" o sepulcro em que foi deposto, como a semente faz arrebentar o chão para se desenvolver; e levou a "cultura" de seu povo ao amadurecimento a que era destinada.

- explica o sentido profundo das escrituras, património cultural e religioso do Povo acerca do sábado (Mc.2,27-28)
- acerca da misericórdia (Mt. 12,5-7; cf. Lc.15)
- acerca do ser "filhos de Abrão" (e quer dizer acerca da identidade fundamental do Povo Hebreu) (Jo. 8, 31-59)
- acerca do maná (não só celebrado na memória histórica dos feitos que marcaram o nascimento do Povo, mas sim sinal de algo que deve vir e que é o valor autêntico que o maná prefigurava...) Jo. 6...48-51)
- acerca do Messias, o elemento fundante a identidade do Povo da promessa, cuja figura era desvirtuada e reduzida a um sonho puramente humano....

etc. etc.....

- não pertence a nenhuma classe oficial dos “grandes” hebreus...
Passa por ser um marginalizado, frequentador de marginalizados, em polémica com sua cultura, ou pelo menos com os que, nos moldes culturais de então, eram os "grandes"; no entender deles é um autêntico "desculturado" que se deve eliminar (cf. Mc.1,40-44; 2, 1-3.6)
- e torna-se "estrangeiro" no seu próprio povo: não sabemos de onde ele é" (Jo.9,29) e é rejeitado (Jo.9,22). Mas ele vem de Deus (Jo.16,30) assim como os profetas diziam. E do alto da Cruz diz ao Pai: “Tudo está realizado” (Jo.19,30).
- Por sua vez os discípulos, depois do Pentecostes, têm consciência de serem o "verdadeiro Israel", os que encarnam a autêntica cultura israelita levada ao amadurecimento a que estava destinada.
Veja-se Estêvão que "ataca", no entender dos grandes, os alicerces da cultura hebraica, e veja-se também Paulo (fil. 3, em particular 3,3 : somos nós os verdadeiros circuncidados, os verdadeiros Hebreus filhos de Abrão, cf. col.2,11;) Nem por isso: são expulsados das sinagogas, do próprio povo (a 19ª “Bênção” contra os “dissidentes”)

Cfr. o comentário de Mateus e Camacho a Mt, p.27, e, em paralelo Act.3,18-26; 4,9-35 (cfr.2,43).

Mt.1,19. Para o evangelista Mateus... “Maria representa a comunidade cristã em cujo seio nasce a nova criação pela obra contínua do Espírito. A dúvida de José reflecte então o conflito interior dos israelitas fiéis diante da nova realidade, a comunidade cristã. Pela ruptura com a tradição que adverte nesta comunidade (= nascimento virginal, sem pai ou modelo humano/judaico), José/Israel deve repudiá-la para permanecer fiel à tradição; por outro lado não tem nenhuma motivação real para a difamar, sendo patente sua conduta irrepreensível. O anjo do Senhor, que representa o próprio Deus, resolve o conflito convidando o Israel fiel a aceitar a nova comunidade porque aquilo que dela nasce è obra de Deus. Aquele Israel então compreende a novidade do messianismo de Jesus e aceita a ruptura com o passado”

(Mateos e Camacho, *Il vangelo di Matteo*, Assisi 1995, p.27)

A primeira comunidade cristã inculturou a semente do Evangelho e esta, por sua vez, fez "arrebentar", em sentido positivo, a própria cultura. Não foi num momento, apesar do estrondo do Pentecostes, mas foi uma caminhada contínua, marcada por intervenções do alto: Filipe levado a Samaria, Pedro a Cesareia, Barnabé e Paulo a Antioquia, etc. Nem sempre foi fácil: não só pelas perseguições vindas do exterior, mas também pelas resistências no interior da própria Igreja. É um processo que percorre todo o livro dos Actos dos Apóstolos, e até todo o Novo Testamento, desde a questão Judaica do chamado "primeiro concílio" de Jerusalém até ao Apocalipse, que nas cartas às sete igrejas dá conta das dificuldades, dos regressos a caminhos antigos e das tentações de sincretismo, que podemos até pensar como expedientes para conciliar o caminho cristão com as exigências da sociedade: não era só entre os Hebreus que os "da seita do Nazareno" eram postos de fora.

O que leva a 1Pt a se dirigir "aos que vivem dispersos como estrangeiros no Ponto, na Galácia, Capadócia, Asia e Bitínia" (cf. 1Pt. 2,11); já não cabemos na cidade terrena, já transcendemos nossa própria cultura, vivemos com estrangeiros e peregrinos (cf. Hebr. 13,14; Act. 2,37-40; Heb.1,1-4)... porque "a nossa cidadania está no céu, de onde esperamos ansiosamente o Senhor Jesus Cristo como Salvador" (Fil.3,20).

3 . A inculturação: directrizes do Magistério.

Vamos agora reunir numa forma mais ordenada as intuições e os exemplos a que nos referimos até agora, e vamos fazê-lo escutando o magistério da Igreja.

Podemos dizer que a "Magna carta" da inculturação do Evangelho como é entendida pela igreja se encontra na encíclica Redemptoris Missio, e vamos então ver o que o papa nos diz.

Ao processo de encarnação do Evangelho nas culturas dos povos destinatários o papa dedica três números: 52, 53, 54, dizendo respectivamente

- o que é inculturação
- quem são os agentes da mesma
- quais as condições para que seja correcta e eficaz.

52. Falando em Inculturação o papa diz que é algo de urgente, mas que se actua em tempos longos (por bem três vezes o papa sublinha este tempo de "demora").

a. Define o processo pelo qual se actua o que inculturação significa:

1. **a íntima transformação dos valores culturais autênticos** (cf. Mt. 5,20ss.; Jo. 4,19-22) **pela sua integração no cristianismo.**

(Paulo e o seu tormento: os Judeus, seus irmãos! Rom. 9, 1-8; 10, 1-4. Ele era plenamente inserido na sua cultura, partilhava as acusações a Estêvão: blasfemou! Fil. 3,1-4a. E nós somos até devedores aos Hebreus, que nos transmitiram a Palavra de Deus!)

2. **e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas**

b. comenta e explica

- é um processo com fases sucessivas
- com movimento dúplice, que investe tanto a cultura quanto a Igreja
- pelo qual
 - a cultura floresce na Igreja e se renova, se transcende
 - a Igreja resplandece com novos aspectos (Paulo VI Kampala).
- Deve-se salvar
 - a especificidade: é caminho de Deus para o homem, inverso ao dos homens que procuram a Deus. (Ex. Mediator Dei et hominum, homo Christus Jesus, 1Tim. 2,5; Pléroma Col. 2, 6-11, etc.)
 - a integridade da fé (ex. Matr. monogâm.) (sem descontos: cf. Ap. 22, 18-19) (EN. 32)

Citando Ev.Nun. ao n. 20, sublinha que o Evangelho transmite os próprios valores às culturas renovando-as A PARTIR DE DENTRO, "partindo sempre das pessoas e voltando sempre ao relacionamento das pessoas entre elas e com Deus"

- efeitos produzidos:

- a Igreja universal se enriquece com novas expressões e valores...
- conhece e exprime cada vez melhor o mistério de Cristo
- é estimulada a uma renovação contínua.

c. indica quem deve assumir e realizar: Missionários, comunidades, pastores (a seguir, nº 53)

54. Indicações e condições para uma correcta inculturação.

a. Princípios

- compatibilidade com o Evangelho (os gestos o que dizem? O que devem anunciar?)
- comunhão com a Igreja universal (ver os particularismos dos gestos até cá na Guiné, por exemplo na forma de indicar a altura de animais e de pessoas...)

b. Perigos:

- alienação, pelo desrespeito
- superavaliação: temos que ter atenção, porque a cultura não deixa de ser produto do homem e, como tal, está marcada pelo pecado.

NB. Há mais um perigo, que foi denunciado no Sínodo para a África: o de querer ser cristão sem problemas, sem choques, sem aquelas rupturas e separações em que fala AG.13; é o que Paulo chamaria de "inimigos da cruz de Cristo" (cf.fil. 3, 18)

c. tempos

- é expressão não de teorias, mas sim da experiência cristã da comunidade (ver n. 53), por isso precisa duma "incubação" da mensagem evangélica no próprio seio da comunidade, de demora para que amadureça (são precisos nove meses para que nasça uma criança...)
- deve envolver toda a comunidade, o Povo de Deus com seu "sensus fidei"
- é preciso saber esperar e ter esperança (cf. Jac. 5, 7-8).

53. Os agentes da encarnação do Evangelho nas culturas.

A. Os missionários

Devem inserir-se e, para isso

- aprender a língua dos destinatários
- conhecer as expressões mais significativas da sua cultura
- descobrir os seus valores por experiência directa

em vista de poderem anunciar de maneira crível e frutuosa (é condicio sine qua non: "só poderão... através.."). É o que chamamos mais propriamente de "aculturação".

O papa usa quatro verbos que "balizam" o trabalho dos missionários neste campo:

compreender
estimar
promover
evangelizar

o que lhes permite que se tornem interlocutores válidos, graças a um estilo de vida em que é possível ler

o testemunho evangélico
a solidariedade com o povo

em definitiva: fidelidade a Deus e fidelidade ao homem.

Pelo que podemos afirmar que o primeiro trabalho dos missionários não é o de curar, construir, costurar, ensinar, etc. nem mesmo de anunciar, mas si de se tornarem sinais inteligentes e intelegíveis, interlocutores válidos: só depois poderão trabalhar.

É o que foi afirmado cá na Guiné desde 1987 nas primeiras Linhas comuns de pastoral, ao longo da preparação das quais não poucos missionários confessaram de não saber por qual mato estavam a andar e onde podiam encontrar os caminhos certos.

B. As comunidades eclesiais em formação, as quais
inspiradas pelo Evangelho (ver EN 63 passim)

e progressivamente (*a primeira geração geralmente acusa e rejeita.* cf. Fil. 3,4-11; 2Cor. 5, 16-17)

exprimem a própria experiência cristã em modos e formas originais
em consonância com suas próprias culturas
em sintonia com as exigências objectivas da fé.

NB.

-O que devem exprimir não é algo de teórico, mas sim a experiência cristã, que, claramente, é suposta ser vivida.

- o que inspira a comunidade cristã a dar estes passos de inculturação não é reivindicação cultural ou algo de parecido, mas sim o Evangelho, anunciado e acolhido como Palavra de Deus (1Ts. 2,13).

- o papa emprega dois substantivos "musicais": "consonância" e "sintonia", de que o segundo, que se refere às exigências objectivas da fé, é mais vinculante do que o primeiro!...

Nada de improvisação:

- trabalhar a nível de conferências episcopais
- em conjunto com a Igreja Universal
- tendo presente os precedentes históricos ao longo dos séculos.

Obs. Pensemos um bocado na grande questão judáica, nas igrejas da África do norte, etc... e também no que nos relata o NT das experiências variadas das primeiras comunidades:

- quatro Evangelhos, diferentes entre eles (DV 19: "Os autores sagrados... escreveram os quatro Evangelhos.... tendo em conta o estado das igrejas...")
- as cartas de Paulo, em diferentes contextos culturais e eclesiais
- os Actos dos Apóstolos e a variedade de situações que nos apresentam
- os Padres Apostólicos... os Símbolos, os Ritos...

Isso tudo indica-nos o caminho para assentarmos as bases numa atitude, numa pesquisa e numa formação permanente neste campo.

Uns problemas práticos e habituais a título de exemplo:

- Os critérios de grandeza e de respeitabilidade exigidos pelos anunciadores ou pelos presbíteros nativos: será mesmo o ser reputado "grande" o que abre o caminho junto dos auscultadores? Não será melhor situar o carisma-ministério de Padre dentro do contexto eclesial, e só mediatamente no meio ambiente cultural? Não será também esta uma forma de "renegar a si mesmo" e aos critérios puramente humanos?

É iluminante, a este respeito, a experiência de Paulo:

- a Atenas tenta uma aculturação bem meditada, planejada e conduzida, com uma resposta desconcertante.

- quando envereda pelo caminho de Corinto, aproximando-se dum meio ambiente totalmente diferente do de Atenas, muda também de estratégia: a lição de Atenas lhe valeu, e ele se apresenta pobre, sem força e sem sabedoria. Diz em 1Cor.2, 1-5: "*Irmãos, eu mesmo, quando fui ter convosco, não me apresentei com o prestígio da oratória ou da sabedoria para vos anunciar o mistério de Deus. Entre vós eu não quis saber outra coisa a não ser Jesus Cristo, e Jesus crucificado. Estive no meio de vós cheio de fraqueza, receio e tremor; a minha palavra e a minha pregação não tinham brilho nem artifício para seduzir os ouvintes, mas a demonstração residia no poder do Espírito, para que acrediteis, não por causa da sabedoria dos homens, mas por causa do poder de Deus.*" (cf.1Cor.1,17).

Ou queremos cair no que foi lamentado até no Sínodo Africano de 1994?

Dom Polycarp Pengo, Arcebispo de Dar-es-Salam, depois de ter falado na dicotomia em que os cristãos africanos vivem diante de situações que ameaçam gravemente a vida humana, como uma doença grave ou a morte, e que è provocada também no caso de esterilidade no matrimónio, diz: "Em todo o processo de inculturação, Cristo e seu Evangelho devem ter a prioridade; deve-se lhes dar o primado absoluto. Se não nos basearmos saldamente neste princípio, acabaremos por baptizar somente as instituições culturais que tanto sofrimento, medo e angústia provocaram na concepção da vida tradicional do povo. Desta forma despojaríamos a mensagem evangélica de seu poder salvífico e libertador" (L'Osservatore Romano, I,p.30)

- Os gestos e os ritos a "assumir",

por ex. no enterro:

devemos ver o que poderia "sobreviver" da nossa cultura, colhendo gestos com significado ambíguo, ou tirando-lhes o significado, tornando-os assim não manifestações culturais mas sim de simples folclore?

Ou devemos escolher gestos e palavras mais aptos a anunciar que Cristo venceu a morte e nos trouxe a vida que não acaba? Queremos proclamamos a morte ou a ressurreição? E então quais gestos podemos assumir capazes de anunciar o que devemos? Se não têm esta capacidade, como poderíamos modificá-los?

E há gestos comuns a mais etnias, de forma que possam ser assumidos a nível numa certa área (Conferência episcopal)?

É lembrar sempre os dois princípios básicos:

fidelidade ao evangelho

comunhão com a Igreja

por ex. no casamento:

Sempre em felupe diz-se que o homem "*nayab*", toma a mulher, apodera-se dela e que a mulher "*nassoño*" *babu annyn âu*. Ainda não consegui analisar ao fundo este radical, usado na forma verbal média, mas inclui a ideia de se encostar, quase a dizer que a mulher só consegue ser mulher se é tomada, como que em propriedade, pelo homem.

No casamento cristão, baseados na forma com que a própria língua felupe chama o homem e a mulher (num pé de igualdade com diferentes funções), resolvemos dizer que os dois "*kuyabore*", usando o recíproco: tomam-se um ao outro, com pares direitos e deveres..... A abraço (*jigabulenoŋ*), que è só de Suzana....

Em presença de tantos ritos, gestos e concepções do casamento quantas são as etnias presentes no chão da Guiné , o que é que devemos fazer? Escolher uns deixando outros? É que há gestos e sinais que para certas etnias são "estrangeiros" tanto quanto os que vêm da "terra branku". E então o que fazer?

Dom Joseph Edra Ukpo, bispo de Ogoja, na Nigéria, no Sínodo da África disse que seria bem procurar um "mínimo comum denominador" exactamente no que a Igreja nos propõe... Por exemplo, no meio felup decidimos assumir as alianças, porque eles já sabem que é o casamento das alianças que é indissolúvel...

E assim por diante, com serenidade e com muita liberdade frente às tradições em que os próprios cristãos que compõem a igreja local cresceram.

Sem esquecer que desde o começo da aventura da Salvação ressoaram as palavras ditas a Abrão: "Sai da tua terra, do meio de teus parentes, da casa de teu pai, e vai para a terra que eu te indicarei..." (Gen. 12,1). Sem despreendimento não há serenidade para poder avaliar e julgar como deve ser.

Não podemos esquecer o que o Papa e os Bispos, reunidos no Concílio Vaticano II apontaram..

Ainda falando na conversão inicial a Cristo eles dizem: ".. sob a acção da graça de Deus, o neo-convertido inicia um caminho espiritual, no qual, participando já pela fé no mistério da morte e ressurreição, passa do homem velho ao homem novo perfeito em Cristo. (cf. Col. 3, 5-10; Ef. 4, 20-24). Esta passagem, que implica uma progressiva mudança de mentalidade e costumes, **deve manifestar-se e desenvolver-se com as suas consequências sociais**, pouco a pouco ao longo do tempo do catecumenato. Como o Senhor, em Quem se crê, é um sinal de contradição (cf. Lc. 2,34; Mt. 10, 34-39), o homem convertido experimenta não raras vezes **rupturas e separações**, mas também alegrias que Deus dá sem medida (cf. 1Tes. 1,6)." (Ad Gentes, 13).

4. Um as indicações práticas:

4.1. Desde a conclusão do Sínodo especial para a África, na Mensagem final os Bispos nos disseram: "Entre as outras condições fundamentais para que (a mensagem evangélica) toque na vida do povo, há a tradução da Bíblia em cada uma das nossas línguas africanas e a promoção duma leitura pessoal e comunitária no contexto africano e no espírito da Tradição" (n.18).

O papa insiste nisto no n.58 da EA: "Para fazer com que a Palavra de Deus seja conhecida, amada, meditada e conservada no coração dos fiéis (cf. Lc. 2,19.51), é necessário intensificar os esforços para **facilitar o acesso à Sagrada Escritura**, sobretudo através de traduções integrais ou parciais da Bíblia.... e acompanhadas por indicações de leituras para a oração, o estudo em família ou em comunidade..... Em resumo, deve-se procurar colocar a Sagrada Escritura na mão de todos os fiéis, logo desde a sua infância".

NB. O "Vade-mécum" da CERAO até perspectiva a alfabetização de todos os catecúmenos para que possam ter acesso à Palavra de Deus (n.59)

4.2. No processo de pesquisa de linhas comuns de pastoral , que foram promulgadas em 1988, realçou-se, para o pessoal vindo de fora, a necessidade de terem "intermediários" que os introduzam nas culturas para se tornarem aptos a empreenderem seu trabalho. Neste sentido falou-se em formação dos catequistas e demais pessoal.

Tendo agora padres e irmãos Guineenses e catequistas com mais experiência, parece ter chegado o tempo em que o que se propunha pode enfim ser realizado: o pessoal local e o que veio de fora a trabalharem em conjunto para segurarem os dois critérios: a fidelidade à mensagem e a fidelidade ao homem, a consonância com a cultura e a sintonia com a Igreja universal.

Como nos missionários vindos de fora deve haver o esforço para se inserirem na cultura dos destinatários do anúncio, assim parece-me bem que deva haver no pessoal local o esforço

- não só de ajudar suas comunidades a procurar e discernir quais os valores e contravalores de suas culturas para realizar seu encontro com o Evangelho
- mas também de se aproximar da cultura de que é revestido o Evangelho que receberam, de forma a discernir cada vez mais claramente o que é substância do anúncio e o que é mediação cultural.

4.3. "A inculturação, pela qual a fé penetra na vida das pessoas e das suas comunidades de origem, constitui um caminho para a santidade." (EA 87).

Houve quem disse que os casos de inculturação mais bem sucedidos são mesmo os santos. É na vida deles que se realiza a síntese da mensagem evangélica com a cultura, em novidade de vida. É um convite e até um imperativo para nós, chamados por Deus a uma vida de consagração e de missão. É a forma de propor não só a mensagem, mas a sua tradução em vida vivida. Sem esquecer que as pessoas acreditam mais em testemunhas do que em mestres, como já apontou Paulo VI na EN. 41. (cf.Vade-mécum 30)

E João Paulo II na EA 136, retomando a RM 90 diz: "Não basta renovar os métodos pastorais, nem organizar e coordenar melhor as forças eclesiais, nem explorar com maior perspicácia as bases bíblicas e teológicas da fé: é preciso suscitar um novo 'ardor de santidade' entre os missionários e em toda a comunidade cristã."

4.4. O terreno em que a semente evangélica é semeada e assume as feições duma nova cultura é a comunidade, a comunidade cristã viva, consciente dos valores e dos limites da sua herança cultural, que empreende um caminho de fé, realiza suas escolhas sem medo de rupturas e separações, aguenta as consequências das mesmas e se torna sinal na sua forma nova de viver; uma comunidade que procura todos os meios para partilhar com os irmãos aquilo que encontrou no caminho de Deus que veio ao nosso encontro. Uma comunidade capaz de constituir e transmitir uma cultura cristã que se torna tradição das próprias famílias cristãs.

INCULTURAÇÃO

Suzana 21-23/01/2004)

1. Umas ideias iniciais (Aproximação ao assunto)

1.1 Porque falamos em inculturação.

1.2 O que é cultura e o que é que o Evangelho tem a ver com ela. GS. 53. EA 59. 78. EN 20

1.3 Observações duma comunidade sobre mudanças culturais. Umas experiências.

1.4 Dois momentos e dois movimentos: aculturação e inculturação

2. Inculturação no contexto da Igreja e da actuação pastoral. Seu fundamento e padrão: a encarnação.

2.1 Ideia de inculturação e primeiro empate na "pastoral"

2.2 Fundamento teológico e padrão

3 . A inculturação: directrizes do Magistério.

Redemptoris Missio 52. 53. 54

Exemplos e experiências

4. Umas indicações práticas:

4.1 Facilitar o acesso à Sagrada Escritura

4.2 Agentes pastorais da Guiné e perspectivas de colaboração na inculturação

4.3 A inculturação "caminho para a santidade"

4.4 Comunidade cristã viva: condição imprescindível para inculturação